



RETRATOS DE ESCOLAS DE VÁRZEA: MEMÓRIA E HISTÓRIA EDUCACIONAL

Anselmo Alencar Colares
Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA (Brasil)
Endereço eletrônico: anselmocolares@gmail.com

INTRODUÇÃO

O texto submetido corresponde a pesquisa produtividade, com apoio do CNPq, destinada a compreender o cotidiano de escolas de várzea na Amazônia brasileira, mais especificamente em Santarém, no Oeste do Pará. Dentre as características mais marcantes da paisagem física e da composição populacional da Amazônia, temos as áreas de várzea, nas margens dos rios, sujeitas a inundações todos os anos. As enchentes/cheias alteram completamente a forma de organização produtiva, interferindo também em outros aspectos do cotidiano, entre os quais o das escolas. Entende-se que um ambiente assim tão diferenciado, precisa ser compreendido em suas singularidades: Que escolas são essas, que ficam alguns meses praticamente submersas, tendo que seguir um calendário diferenciado? Quem são os alunos, gestores e professores, e quais suas aspirações? Quais os problemas e como são enfrentados? São questões oriundas da problematização e para as quais se buscam respostas objetivando produzir conhecimento científico.

Tendo em vista o fenômeno da cheia do rio Amazonas ser determinante para a formação das várzeas, o recorte temporal do estudo será de 2009, ano da maior enchente registrada pela Agência Nacional de Águas (ANA) até o ano 2019, no qual as atividades escolares ocorreram regularmente antes das mudanças provocadas pela pandemia do novo coronavírus, e no qual a Secretaria Municipal de Educação de Santarém (SEMED/Stm) registrou o atendimento a 63 mil 335 estudantes, distribuídos em 398 escolas e unidades de educação infantil, sendo 89 localizadas na área urbana e as demais, no campo, sendo 93 no planalto e 234 na região dos rios, onde estão as áreas de várzea. As escolas do campo geralmente têm poucos alunos em função da baixa densidade demográfica nestas áreas, especialmente nas várzeas. Compreender tal realidade exige do pesquisador, mergulhar (para usar uma expressão muito significativa neste contexto) na história.

2716



METODOLOGIA

Otávio do Canto (2007) denomina como ribeirinho o que mora isolado, distante dos núcleos de povoamento ou em vilas nas margens dos rios, quer seja na várzea ou terra-firme. Ribeirinho é tanto o morador da várzea quanto o da terra-firme. Todavia, é importante ressaltar a especificidade do habitante da várzea, ou varzeiro que é também ribeirinho, entretanto, nem todo ribeirinho é varzeiro. E é sobre esse sujeito específico, singular, parte da universalidade amazônica, que vamos tratar, tendo como recorte a educação escolar, na forma como se manifesta na instituição escola.

A pesquisa sobre escolas de várzea, busca compreender: Que escolas são essas, que ficam alguns meses praticamente submersas, sendo obrigadas a seguir um calendário diferenciado? Quem são os alunos, gestores e professores, e quais suas aspirações? Quais os problemas e como são enfrentados? Como chegam até essas escolas as políticas públicas educacionais? A compreensão irá permitir análises fundamentadas para que as escolas possam sair da invisibilidade e receber o apoio necessário por meio de políticas públicas que promovam melhorias nos processos educacionais, sem que percam as singularidades que as constituem como referenciais no ambiente em que se encontram.

Ainda enquanto metodologia, para compor o Retrato das Escolas de Várzea estamos realizando viagens e ouvindo os moradores e, principalmente, as pessoas diretamente envolvidas nas escolas (gestores, professores, estudantes e pais), a fim de que os objetivos possam ser alcançados com maior fidedignidade e a utilização da fotografia como recurso metodológico. A este último propósito, manifesto total concordância com a transcrição a seguir:

Como uma linguagem, a fotografia expressa a compreensão pelo olhar, os modos de ver, as relações. Se a imagem acompanha a vida humana como representação da realidade, como memória e expressão da cultura de um povo, de uma época, garantia de uma visão do passado, hoje, com a comunicação informatizada, ela nos desafia a compreendê-la em novas temporalidades, como mediação complexa dos processos educativos (CIAVATTA, 2002, p. 13).

Nisto também reside a importância desta pesquisa, em localizar, identificar e sistematizar fontes, incluindo memórias ainda disponíveis, tanto nos relatos orais quanto nas imagens retidas nas fotografias, de maneira a responder as indagações e insatisfações teórico-metodológicas, fazendo as perguntas adequadas às diversas fontes.

2717



As fontes são fundamentais para a sistematização do conhecimento histórico e a análise dos acontecimentos. Identificar, classificar e interpretar as fontes são inerentes a produção histórica e essenciais para a qualidade da pesquisa nesta área do conhecimento. Todavia, as fontes não falam por si, como apregoaram os positivistas. Elas precisam ser “provocadas” pelo pesquisador. A fonte é, desta forma, também uma construção do pesquisador, na medida em que este atribui para ela um determinado sentido. Por outro lado, constitui-se no único elo com o passado, no sentido de verificação, por isso mesmo pode ser entendida como uma ponte, um veículo, uma restemunha, um elemento propiciador de conhecimentos acertados sobre o passado (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

[...] já que é sobre as fontes que nos apoiamos para produzir o conhecimento histórico, uma vez formulado o problema a ser investigado, o pesquisador encontra-se autorizado a buscar todo tipo de fonte que possa trazer informações de alguma importância para o esclarecimento de seu problema de pesquisa. [...] (SAVIANI, 2010, p. 255).

Trata-se de uma pesquisa ampla na qual está ocorrendo a integração de vários pesquisadores, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UFOPA) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR/Ufopa, na linha história e memória educacional da Amazônia, da qual fazem parte estudantes da graduação e da pós graduação, bolsistas de iniciação científica, do mestrado e do doutorado.

Por compreender que o particular não se explica dissociado do universal, acredito que o resultado da pesquisa trará importantes contribuições para a historiografia educacional, notadamente a regional, oferecendo subsídios para novas leituras sobre a educação escolar na Amazônia, e inserindo as escolas de várzea nas análises. Tomando sempre o cuidado no trato metodológico da relação universal e particular, e no campo histórico, para a elaboração e/ou revisão de interpretações mais abrangentes. Conforme adverte Saviani (2012, p. 27):

[...] não é metodologicamente apropriado encarar o local e o nacional como oposições excludentes. As investigações sobre as formas específicas que a educação assume em nível local são necessárias não apenas para conhecermos essas manifestações particulares. Na verdade, são uma exigência também para o conhecimento efetivo, isto é, para a compreensão concreta da educação em âmbito nacional. Sem isso, o nacional será reduzido a mera abstração ou se tornará como nacional a manifestação local ou regional mais influente [...].

A produção de imagens fotográficas é parte constituinte do itinerário investigativo, mediando diálogos, estimulando lembranças e interpretações de diferentes momentos e situações. Assim sendo, acreditamos que estaremos atingindo as metas ao articulamos imagens e textos no alcance de nossos propósitos na produção de



conhecimento sobre a várzea, e mais especificamente, sobre as escolas existentes naquele ambiente diferenciado. Buscamos assim oferecer contribuições para a compreensão de saberes e valores produzidos, reelaborados ou descartados, de modo que os Retratos das Escolas de Várzea posam vir a ser mais um canal de interlocução com a comunidade acadêmica e os formuladores de políticas públicas educacionais, na perspectiva de buscar melhorias para as condições de trabalho, de ensino e de aprendizagem das populações da várzea amazônica.

2719

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vejamos então uma “amostra” da vastidão do mundo das águas que constitui o local da pesquisa. A Ilha de São Miguel, onde residem 44 famílias, totalizando 121 pessoas, as quais usam e controlam uma superfície territorial de aproximadamente 3.500 hectares, em atividades voltadas para a própria sobrevivência e comercializam o excedente. A Ilha de São Miguel fica distante cerca de 57 Km – em linha reta – da cidade de Santarém, e o acesso acontece unicamente por via fluvial. Lá funciona uma escola municipal de ensino fundamental, na qual também é ofertado pelo governo do estado o ensino médio modular, modalidade diferenciada com aulas concentradas e sujeitas a disponibilidade de professores lotados no sistema de organização modular de ensino (SOME) da Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC), seguindo o que é regulamentado pela Lei Estadual nº 7.806, de abril de 2014.

O prédio escolar, similar a outros que ficam nas áreas de várzea, apresenta estrutura de palafita por ser a única forma que permite que a escola seja utilizada no período em que as águas sobem em decorrência das enchentes periódicas do Rio Amazonas e seus afluentes. A enchente/cheia, acontece entre os meses de dezembro a maio e o período de vazante/seca, entre os meses de junho a novembro, determinando o modo de vida e a forma de trabalho dos moradores das várzeas, o que inclui o funcionamento das escolas, por meio de calendário específico, com as aulas começando em agosto e o ano letivo encerrando no final do mês de abril do ano seguinte.

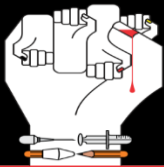
No período da enchente/cheia, as águas do rio Amazonas inundam totalmente os terrenos mais altos, onde estão instaladas as residências e os espaços públicos, como escolas, sedes de agremiações esportivas e igrejas, dificultado o acesso dos moradores aos serviços comunitários, bem como o deslocamento e a comunicação entre às residências. Por conta desta especificidade da dinâmica hídrica, as escolas de várzea

Realização:



Apoio:





apresentam também características muito próprias, mesmo que sigam as orientações gerais emanadas pelo sistema do ensino no qual estão inseridas.

No caso específico da Ilha de São Miguel, no período da enchente/cheia, as famílias que possuem propriedades nas partes mais altas que não sofrem inundação - geralmente agropecuaristas - alternam suas atividades entre a várzea e a terra-firme. Porém a maioria permanece na várzea, onde sobrevivem basicamente da alimentação do peixe e de gêneros agrícolas produzidos durante o verão, e da renda mensal proveniente de aposentadorias, bolsa família, seguro defeso e outros benefícios que nos últimos anos passaram a receber do Governo Federal. Nesse ambiente a escola passa a ter uma representação muito própria para as pessoas, e muito provavelmente sejam mais nítidos os contrastes em comparação com as demais quanto a características que nos colocam em grande descompasso para com os ideais de educação proclamados pela burguesia revolucionária: universalização, laicidade, entre outros.

As fotografias a seguir são ilustrativas de dois momentos distintos que são a cheia e a vazante dos rios. Uma delas, registrada no mês de setembro de 2012, o prédio da Escola - estrutura palafita com cerca de 120 centímetros de altura, acima do solo, construído em uma das restingas mais altas da comunidade - encontra-se em “terra firme”. A outra, registrada no mês de maio de 2013, mostra o momento em que as águas do rio Amazonas inundam totalmente as restingas mais altas da localidade, nesse caso cobrindo o assoalho do prédio escolar, mostrado na figura anterior com cerca de 8 metros de altura acima do nível médio do canal principal que passa em frente à comunidade.

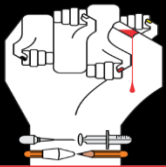
2720

Escola de Várzea da Ilha de São Miguel – Na vazante e na enchente



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2012; 2013.

Eis uma pequena amostra da singularidade de uma escola de várzea. Também sua riqueza, seu diferencial. Almejamos, todavia, ir além do factual ou das eventuais curiosidades. Estudar a realidade educacional do nosso entorno permite que “possamos



com maior precisão entender a agir sobre ela” (COLARES, 2012, p. 112), considerando sua história, os seus problemas e as possíveis soluções

O não saber nos instiga a busca. E somos alimentados pelos saberes existentes, assim como pela utopia da construção (e, no caso da Amazônia, de certa forma, a manutenção) de uma sociedade solidária, onde o ser humano conviva com os demais seres de forma responsável e equilibrada, sustentável, identificando a natureza enquanto fonte primária dos elementos que dão sustentação à vida.

2721

PALAVRAS-CHAVE: Educação na Amazônia. Escola de Várzea. Retratos de Escolas.

REFERÊNCIAS

CANTO, O. do. **Várzea e varzeiros**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2007.

CIAVATTA, M. **O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica** (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

COLARES, A. A. **História da educação na Amazônia** – questões de natureza teórico-metodológicas. Críticas e proposições. In: ROSÁRIO, M. J.; MELO, C. N. de; LOMBARDI, J. C. Nacional e o local na história da educação. Campinas: Alínea, 2012. [p. 109-137].

RAGAZZINI, D. **Para quem e o que testemunham as fontes da história da educação?** In: Educar em revista, n 18/2001. Curitiba: Editora EFPR, 2001. [pp. 13-28].

SAVIANI, D. **Interlocuções pedagógicas: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação**. Campinas: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, D. **O local e o nacional na historiografia educacional brasileira**. In: ROSÁRIO, M. J.; MELO, C. N. de; LOMBARDI, J. C. Nacional e o local na história da educação. Campinas: Alínea, 2012. [p. 13-29].

Realização:



Apoio:

